
LITERATURA DE TESTEMUNHO E CRÍTICA SOCIAL: UMA ANÁLISE DO ROMANCE *K. – RELATO DE UMA BUSCA*, DE BERNARDO KUCINSKI

Bibiana Zanella Pertuzzati¹

Ana Paula Teixeira Porto²

Resumo: Sabemos que a Ditadura Militar Brasileira vigorou no país nos anos correspondentes a 1964 – 1985 e impôs padrões de controle, autoritarismo, violência e censura. Tal contexto é representado em obras de arte, como as literárias produzidas desde o marco inicial desse período. No início do século XXI, obras de cunho testemunhal, isto é, que constroem uma memória coletiva acerca de acontecimentos dolorosos como o da Ditadura Militar Brasileira, tem-se destacado na literatura contemporânea de nosso país, abordando temas como o desaparecimento de militantes políticos no Brasil. Com base nessas informações, este estudo tem como objetivo refletir sobre a literatura de testemunho e a crítica social presente no romance *K.-relato de uma busca*, de Bernardo Kucinski, bem como analisar e identificar os traços formais e característicos da narrativa que permitem a elaboração desse relato testemunhal. Para atingir tais objetivos, a metodologia está fundamentada em pesquisas bibliográficas. A análise de dados está amparada em reflexões de autores como Ginzburg (2009) e Seligmann-Silva (2003). Dessa forma, a partir das leituras realizadas busca-se comprovar que o romance *K.* é um importante instrumento de leitura sobre a literatura de testemunho, pois, além de apresentar caráter biográfico com trato estético cuidadoso, promove uma crítica social em relação ao Regime Militar Brasileiro.

Palavras-chave: Literatura de testemunho. Crítica social. Ditadura Militar Brasileira. Bernardo Kucinski.

Abstract: We know that the Brazilian Military Dictatorship stand in the country in the years corresponding to 1964 - 1985 and imposed standards of control, authoritarianism, violence and censorship. This scenario is represented in works of art such as literature produced since the starting mark of this period. In the early XXI century, witnessing nature works, that is, build a collective memory around painful events as the Brazilian Military Dictatorship has been highlighted in the contemporary literature of our country, covering topics such as the disappearance of political activists in Brazil. Based on this information, this study aims to reflect on the literature of testimony and social criticism present in the novel "*K- report of a of a search*", from Bernardo Kucinski, as well how analyze and identify the formal features and characteristic of the narrative that allow preparation of this testimonial report. In order to achieve these goals, the methodology is founded on bibliographical research. Data analysis

¹ Acadêmica do VII semestre do Curso de Letras – Língua Portuguesa da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI), Campus de Frederico Westphalen. Bolsista de Iniciação Científica PROBIC/FAPERGS. Participante do grupo de pesquisa "Práticas Mediadoras de Leitura", orientado pela Professora Dra. Ana Paula Teixeira Porto. E-mail: bybypertuzzati@hotmail.com

² Professora orientadora do trabalho, docente dos Cursos de Graduação e Mestrado em Letras da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI), Campus de Frederico Westphalen. E-mail: anapaula@uri.edu.br

is supported on reflections of authors such as Ginzburg (2009) and Seligmann-Silva (2003). Thus, from the readings made seeks to prove that the novel *K.* is an important reading instrument about testimonial literature because, besides presenting biographical character with careful esthetic treatment, promotes a social critic related to Brazilian Military Dictatorship.

Key-words: Literature of Testimony. Social Critic. Brazilian Military Dictatorship. Bernardo Kucinski.

1. Introdução

Sabe-se que no período correspondente entre 1964 a 1985 o campo das artes, em especial a literatura, exerceu um papel fundamental na sociedade, uma vez que se tornou responsável por retratar e rememorar os fatos de uma época dolorosa como os acontecimentos da ditadura militar brasileira, ocorrida durante esses 21 anos a partir de 1964. Essas memórias de experiências traumáticas se consolidam através da chamada literatura de testemunho, isto é, por obras que relatam o horror e o abalo sofridos não só pelas vítimas, mas também pelos familiares desses cidadãos que, após sequestro ou prisão, eram violentados até a morte.

Com base nessas informações, este estudo tem como objetivo refletir sobre a literatura de testemunho e a crítica social presente no romance *K.- relato de uma busca*, de Bernardo Kucinski (2014), bem como analisar e identificar os traços formais e característicos da narrativa que permitem a elaboração desse relato testemunhal. Esta obra pertence à literatura contemporânea brasileira, e trata de uma história ficcional e biográfica que se associa ao gênero literatura de testemunho, uma vez que traz à construção de uma memória coletiva sobre a ditadura militar brasileira. A narrativa é ficcional pelo fato de ser semelhante e não exatamente idêntica ao acontecimento descrito no enredo, e biográfica em razão de ser baseada em uma história real da vida do autor.

Para consolidar este estudo, parte-se de algumas perspectivas de abordagem centrada no texto literário e na literatura de testemunho. Além disso, este ainda postula a importância do cotejo do texto literário com outros objetos e a relevância para oportunizar contato com obras referentes à literatura de testemunho, e permite a construção de uma memória coletiva sobre eventualidades dolorosas como as da

ditadura militar brasileira e outros ângulos de visão sobre esse momento histórico do Brasil.

2. Análise do romance

O livro *K. relato de uma busca*, é um romance contemporâneo que apresenta dois tipos de narradores: um verifica-se em primeira pessoa, quando o personagem pai, K, narra os fatos, e outro em terceira pessoa, quando nota-se um outro narrador, uma outra voz que descreve os acontecimentos da trajetória do pai em busca da filha desaparecida. Desse modo, entende-se que essa escolha por narradores que oscilam durante a trama é um fator envolvente, uma vez que requer mais atenção do leitor, para que ele sempre esteja situado nos decorrentes fatos da história.

Em *K.*, dois personagens principais são evidenciados, o protagonista pai, chamado K, proprietário de uma loja de roupas masculinas localizada no bairro judeu da cidade de São Paulo, e a filha Ana Rosa, professora de Química na Universidade de São Paulo – USP. Além destes, o marido de Ana Rosa, desaparecido no mesmo dia em que a esposa, também surge na trama. O personagem K, durante toda a narrativa procura por um sinal de vida da filha, Ana Rosa, desaparecida durante o período da ditadura militar no Brasil (1964 – 1985). Dessa forma, tem-se a história de um pai que expõe seus relatos sobre a existência interrompida da filha, ocasionada pela ditadura militar, e também de seu trauma de viver na incerteza, sem saber de forma coerente o que de fato aconteceu com sua filha.

Pode-se destacar também sobre o romance, que é possível verificar a presença de um enredo predominantemente linear. Todavia, em alguns momentos ocorrem descrições de acontecimentos do passado. Dessa maneira, compreende-se que a história apresenta coerência na sucessão dos fatos, e também, que o uso de *flashbacks* é um recurso utilizado pelo autor para retomar acontecimentos que servem como auxílio para o protagonista K, durante sua busca pela filha Ana Rosa.

Outro elemento da narrativa relevante para o entendimento da obra é o tempo observado da narrativa. Neste caso, tem-se a identificação de um momento histórico nacional demarcado pelo processo cronológico dos fatos narrados. O momento histórico observado no tempo do romance de Kucinski é correspondido entre os

anos de 1964 a 1985, período em que a ditadura militar foi instaurada no Brasil. À vista disso, verifica-se que o livro *K.* pertence ao gênero literatura de testemunho, haja vista a presença de episódios semelhantes as ocorrências de desaparecidos políticos no período da ditadura, constituindo um testemunho, mas ao mesmo tempo um arranjo ficcional para os lastros biográficos narrados.

No que tange o espaço da narrativa, verifica-se predominantemente descrições que denotam as capitais paulista e carioca, São Paulo e Rio de Janeiro. Com base nesta informação, constata-se que o personagem pai circula principalmente nestes lugares, a fim de encontrar respostas referentes ao misterioso sumiço de sua filha e também de seu genro, desaparecido no mesmo dia que Ana Rosa.

Em termos formais a obra, é composta por vinte e nove capítulos que são considerados desmontáveis, uma vez que podem ser lidos separadamente, o que garante ao leitor que a leitura pode ser realizada em ordem inversa ao modo tradicional, indicando que não haverá prejuízos ao entendimento do romance como um todo. Todavia, sabemos que, se seguirmos a ordem sistematizada da narrativa, a assimilação dar-se-á de forma mais rápida e satisfatória. O trecho a seguir, ilustra de forma sintetizada como ocorre a construção dos capítulos do romance:

Oito anos depois, a tragédia. K. tenta adivinhar naquele punhado de flagrantes, qual teria sido a última imagem de sua filha? Volta à foto do rosto entristecido, a que ele levava à polícia e ao tal médico. Descobriu outras quatro, tiradas em sequência, no mesmo cenário da beira da cama ou de um divã, a mesma blusa leve de florzinhas, o mesmo rosto abatido, o mesmo olhar apertado de desamparo. Ali, ele tem certeza, ele já estava vivendo presságios do pior (KUCINSKI, 2014, p. 118-119).

Além da constante presença de frases e períodos curtos, este fragmento retirado do texto retrata como é dada a construção dos capítulos da narrativa, uma vez que, encorpados de brevidade, resultam em uma leitura mais rápida. Essa escolha do autor por uma descrição mais concisa e precisa pode relacionar-se à ligação do período histórico em que a narrativa está calcada. A brevidade das frases pode ser entendida como uma analogia com as poucas informações repassadas aos familiares dos desaparecidos políticos durante a ocasião da ditadura militar no Brasil.

A partir deste fragmento também é possível identificar, além da passagem do tempo de quase uma década do desaparecimento de Ana Rosa, as respostas que ainda não haviam sido encontradas, o que deixa visível uma ferida aberta no coração do personagem pai e a dor incomensurável da perda que toma conta da esperança cultivada por K. Assim, é notável a semelhança entre os relatos do romance com o gênero literatura de testemunho, haja vista os depoimentos de familiares que viveram na era das catástrofes.

3 Literatura de testemunho

A ditadura militar brasileira é conhecida como um período rigoroso, em que tudo era censurado, testemunhar sobre este acontecimento atroz e relatar esta história como forma de aliviar a dor, mostrando aquilo que ainda não se conhece sobre esta ocorrência a nível nacional, pode ser um dos objetivos do escritor do romance. Vejamos este excerto: “Caro leitor: Tudo neste livro é invenção, mas quase tudo aconteceu. B. Kucinski”. (KUCINSKI, 2014, p.08). Esta pequena advertência evidenciada pelo autor da narrativa sugere ao leitor, antes mesmo da leitura dos capítulos seguintes, que este romance é fictício em sua estruturação, contudo, é essencialmente alicerçado em fatos reais. Assim, cabe afirmar que o termo literatura de testemunho é utilizado somente em narrativas fundamentadas em momentos de barbárie, como neste caso, a ditadura militar brasileira.

A advertência feita pelo autor na abertura do livro comprova outro traço significativo para o entendimento do romance, o caráter autobiográfico, característica primordial que evidencia que a história narrada é fictícia, entretanto baseada em uma história real, em que autor, personagem e narrador são identificados como um único ser. Compreende-se que o foco narrativo da obra está fundamentado na voz oculta do oprimido, ou seja, é o olhar da vítima censurado, sem ação, é a “voz sem voz”:

Se o testemunho apresenta a história de uma *perda*, o essencial não pode ser apresentado de modo direto; o testemunho é a apresentação de um desaparecimento e a sua leitura, a busca de traços que indiquem tal “falta originária”. Não há presença originária a ser re-presentada, mas falta, ausência, perda (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 20-21).

Neste excerto, o crítico literário Seligmann-Silva explica como se dá a construção da literatura de testemunho. Em *K*, verifica-se basicamente o exposto neste fragmento: Ana Rosa é a personagem desaparecida, sua perda é testemunhada pelo personagem pai que procura incansavelmente por respostas da ausência inusitada da filha. Já a obra em si, vai justamente testemunhar essa ausência e a perda de uma personagem/real que desapareceu durante a ditadura brasileira, a qual pode representar outros mais de 300 brasileiros desaparecidos durante esses 21 anos de ditadura. “E o testemunho justamente quer resgatar o que existe de mais terrível no ‘real’ para apresentá-lo. Mesmo que para isso ele precise da literatura” (SELLIGMANN-SILVA, 2003, p. 375).

O crítico ainda salienta a importância da literatura como um meio eficaz de dar voz ao oprimido, haja vista que a sonegação sofrida pela personagem Ana Rosa a impediu de denunciar e relatar todo seu sofrimento, o que torna a literatura, a maior responsável por fazer com que esses fatos não caiam no esquecimento nacional e sejam retratados através da escrita literária. Seligmann-Silva também expõe uma série de dilemas escondidos pelos responsáveis do acontecimento, neste caso, os militares, responsáveis pela ditadura. Tais impasses podem ser verificados em *K*:

A matéria da qual se ocupa *K*, de Bernardo Kucinski, tem como ponto nuclear o desaparecimento de sua irmã, Ana Rosa Kucinski, e de seu cunhado, Wilson Silva, em abril de 1974, na altura em que o país vivia as primeiras semanas do consulado do ditador Ernesto Geisel. [...] Ambos tinham 32 anos quando foram sequestrados pelas forças de segurança, no centro de São Paulo. Ana Rosa era, além de militante política, professora-doutora do Instituto de Química da Universidade de São Paulo que, dado o desaparecimento de sua docente, decidiu demiti-la por “abandono de emprego” (LESSA, 2014, p. 183. In: BERNARDO KUCINSKI).

Ainda sobre o caráter autobiográfico da obra, Renato Lessa, no posfácio da narrativa, expõe sobre o acontecimento verídico da vida do autor, o que promove ao leitor uma reflexão acerca da forte ligação do texto literário com a vida pessoal de Bernardo Kucinski. Isso tudo reporta novamente à frase exibida nas primeiras páginas do livro, a qual afirma que tudo descrito na obra é ficção, mas quase tudo aconteceu.

Isso posto, retoma-se à questão da literatura de testemunho. Ginzburg (2009) corrobora com outros pesquisadores, ao afirmar que a literatura de testemunho trata de atribuir voz aos subalternos e excluídos, haja vista a censura e repressão vivenciadas no período correspondente a ditadura. Durante estes 21 anos, é verídico que centenas de pessoas foram sequestradas, torturadas e mortas pelos militares. “Na tentativa de dar sentido à incompreensão relacionada ao trauma [...] a literatura e as artes encontram no seu principal representante o testemunho” (CRUZ, 2016, p. 187).

Em virtude disso, familiares dos desaparecidos em 1993 criaram o Instituto de Estudos sobre a Violência do Estado – IEVE, em decorrência da abertura da vala clandestina localizada no cemitério Dom Bosco, na cidade de São Paulo. Na ocasião foram encontradas ossadas de presos políticos, indigentes e vítimas dos esquadrões de morte. Já no ano de 2014, outro acontecimento importante concretizou-se para amenizar a dor da perda de entes queridos dos familiares de desaparecidos políticos. Trata-se da Comissão Nacional da Verdade – CNV, que estudou cada caso e buscou descrever sobre o que realmente aconteceu com cada uma das vítimas. Vejamos um fragmento retirado da apresentação deste documento:

A história de vida e as circunstâncias da morte de 434 mortos e desaparecidos políticos se constituem no tema deste volume do Relatório da Comissão Nacional da Verdade. Aqui, enfocados sob a perspectiva da trajetória de cada uma dessas vítimas, encontram-se indicados os elementos que foram examinados nos dois outros volumes, concernentes às modalidades, às estruturas, aos locais e à autoria das graves violações de direitos humanos (COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE, 2014, p. 25).

Neste documento também se encontram: os dados de filiação, data e local de nascimento, atuação profissional, organização política e data e local do desaparecimento de Ana Rosa Kucinski, irmã de Bernardo Kucinski autor do romance *K*. Além de sua biografia, considerações sobre o caso de desaparecimento segundo a CNV, as circunstâncias de sua morte, as identificações da autoria, as principais fontes de informação, os depoimentos de militares e as conclusões e recomendações do caso Ana Rosa Kucinski Silva (sobrenome por parte do marido). Vejamos:

Diante das investigações realizadas, conclui-se que Ana Rosa Kucinski/Ana Rosa Silva desapareceu em 22 de abril de 1974, em contexto de sistemáticas violações de direitos humanos promovidas pela ditadura militar, implantada no país a partir de abril de 1964. Recomenda-se a continuidade das investigações sobre as circunstâncias do caso, para a localização de seus restos mortais e identificação e responsabilização dos demais agentes envolvidos (COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE, 2014, p. 1652).

Diante disso é notório que o autor do romance *K*, da voz a uma personagem excluída da sociedade. Ginzburg ainda informa que o narrador testemunhal pode ser examinado como um narrador em confronto com as constantes ameaças impostas pela realidade. Desse modo, a literatura de testemunho é definida como narrativas que remontam memórias, sendo essas memórias doloridas para o sujeito narrador. A construção do testemunho é elaborada através de episódios semelhantes ao real e apresentam um viés de cunho social, tornando mais acessível à compreensão dos fatos deploráveis como os da ditadura militar. Portanto, essas formulações incitam a refletir sobre como o romance pode ser um interessante objeto de leitura, uma vez que seu conteúdo não deixa que os fatos bárbaros ocorridos em nosso país caiam no esquecimento da população, isto é, que não ocorra o temido “mal de Alzheimer nacional”:

Bernardo Kucinski teve a irmã desaparecida no período da ditadura civil-militar e procurou, por meio da ficção literária, contar a sua tragédia familiar cinquenta anos depois do ocorrido. [...] O livro revela a ferida ainda aberta da injustiça no período da ditadura civil-militar brasileira e do esquecimento da sociedade, o que o narrador denomina “mal de Alzheimer nacional”, exatamente porque o Brasil ainda não julgou a sua história e negou aos familiares de mortos – assim como ao personagem K. – o conhecimento da verdade e da história (CRUZ, 2016, p. 191).

Com base neste fragmento, reitera-se o exposto anterior quando se fala em sonegação dos fatos. Diante disso, também é possível compreender o porquê do romance *K*. ser considerado uma obra muito importante para a população brasileira, haja vista que sua narrativa não deixa que os fatos bárbaros da ditadura militar sejam esquecidos pela população, o que pode servir como consolo para os familiares e todas as pessoas lesadas de uma forma ou outra durante o período ditatorial.

4 Conclusão

Salienta-se que o romance *K. – relato de uma busca*, é um instrumento importante de leitura e conhecimento sobre a literatura de testemunho, haja vista que é inegável o espaço ganho por esta literatura em nosso país nos últimos anos. Por apresentar características relevantes em sua composição, a obra torna-se um objeto elementar para reverenciar a criticidade, tendo em vista o fato de apresentar uma trama baseada em uma história real, como forma de aliviar a dor dos familiares desenganados pelos militares, no período ditatorial brasileiro, além de conceber outra perspectiva deste momento histórico.

O romance em análise além de abordar sobre os excluídos da ditadura militar traz um olhar implícito do momento histórico em que o Brasil se situava. Distribuída em 192 páginas a narrativa *K. – relato de uma busca*, é um livro capaz de auxiliar no desenvolvimento de competências leitoras e da criticidade dos leitores, uma vez que sua construção está pautada em um testemunho verdadeiro, com o intuito de revelar aquilo que os documentos oficiais da ditadura escondem até hoje.

Isso posto, pode-se concluir que o romance *K. – relato de uma busca* é um romance contemporâneo, de caráter autobiográfico, que visa à denúncia de um acontecimento árduo e traumático que ocorreu no Brasil durante os anos de 1964 a 1985. Em *K.* o autor descreve a história de Ana Rosa, que junto a centenas de pessoas desapareceu durante a ditadura no Brasil, e, tanto a família Kucinski quanto as demais afetadas, procuram até hoje respostas sobre o que realmente aconteceu com seus familiares.

Destaca-se ainda que obras de cunho testemunhal como o romance *K.* também podem ser considerados leituras de (des)memórias, uma vez que tratadas vítimas da repressão, como se elas nunca tivessem existido, são personagens e pessoas silenciadas e esquecidas por aqueles que não querem enxergar a maneira trágica como os militantes políticos desapareceram de nossa sociedade. É por essas e outras razões que o autor Bernardo Kucinski, assim como outros escritores do país e da América Latina, escreveram/escrevem obras que remontam esses acontecimentos da época da ditadura, a fim de não deixar que esses fatos sejam

esquecidos, isto é, que não haja amnésia nacional, resgatando memórias através da literatura de testemunho.

REFERÊNCIAS

COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE. **Mortos e desaparecidos políticos**. Brasília: CNV, 2014. Disponível em: <http://www.cnv.gov.br/images/pdf/relatorio/volume_3_digital.pdf> Acesso em: 27 fev. 2017.

CRUZ, Lua Gill da. “**O mal de Alzheimer nacional**”: (in)justiça, história e literatura. Revista Letrônica, p. 186-196, 2016. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/fo/ojs/index.php/letronica/article/view/22154/15089>> Acesso em: 02 mar. 2017.

GINZBURG, Jaime. Linguagem e trauma na escrita de testemunho. **Revista Conexão Letras**, v. 3, n. 3, 2009. Disponível em: <<http://www.artistasgauchos.com/conexao/3/cap6.pdf>> Acesso em: 27 fev. 2017.

GINZBURG, Jaime. O ensino de literatura como fantasmagoria. **Revista Anpoll**, v. 1, n. 33, 2012. Disponível em: <<http://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/637/648>> Acesso em: 28 fev. 2016.

KUCINSKI, Bernardo. **K. – Relato de uma busca**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

RESENDE, Beatriz. **Contemporâneos: expressões da literatura brasileira no século XXI**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Biblioteca Nacional, 2008.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **História, memória e literatura: o testemunho na Era das Catástrofes**. Campinas: Ed. Unicamp, 2003.